

## Resumo

Este artigo pretende lançar um olhar sobre os contos do escritor brasileiro contemporâneo João Anzanello Carrascoza por meio de um passeio pelas suas temáticas, questões e marcas mais significativas. Dono de uma prosa que olha para o dia a dia, o escritor costuma priorizar a focalização dos mundos íntimos, quase sempre envoltos em uma atmosfera poética. Carrascoza também se distancia do espaço hiperurbano, optando por um tom mais acolhedor, o que traz fortes toques bucólicos à sua narrativa. Quando são comparados os traços dos contos do autor com a produção contemporânea, nota-se certo descolamento do que é representado majoritariamente pela nossa literatura. A literatura de Carrascoza trata do fato miúdo, das coisas simples, prosaicas, que flertam com o banal o tempo todo, mas, ao invés de vulgarizá-las, singularizam e encantam. São, como diz o narrador de “Quando ele voltou”, do livro *Meu amigo João*, ninharias que engrandecem. Desse modo, o objetivo é mostrar que lugar os contos do escritor ocupam no cenário literário contemporâneo.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira contemporânea; Conto; João Anzanello Carrascoza.

## The place of João Anzanello Carrascoza in Contemporary Brazilian Literature

**Abstract:** This article aims to look upon the short stories of the contemporary Brazilian writer João Anzanello Carrascoza through a tour of their most significant themes, issues and traces. Owner of a prose that centers on everyday life, the writer usually prioritizes the focus of intimate worlds, often wrapped in a poetic atmosphere. Carrascoza also distances himself from the hyper-urban space, opting for a more welcoming tone, which brings strong bucolic touches to his narrative. When comparing the traces of the author's short stories to the contemporary production, there is a certain detachment from what the Brazilian literature is mostly represented by. Carrascoza's literature deals with small details, simple, prosaic things that flirt with the ordinary all the time, but instead of vulgarizing, it praises and enchants them. As the narrator of “Quando ele voltou”, from the book *Meu amigo João* states: they are trifles that magnify. Thus, the objective is to show which place the writer's short stories occupy in the contemporary literary scene.

**Keywords:** Contemporary Brazilian literature; Short story; João Anzanello Carrascoza.

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, Brasil.  
E-mail: laysebmoraes@gmail.com

## Introdução

O contemporâneo, como já disse o filósofo Giorgio Agamben (2009), é um eterno deslocar-se e implica uma relação com o próprio tempo que mistura adesão e distanciamento. No contexto da produção acadêmica voltada para os estudos literários, optar por estudar a literatura brasileira atual é um desafio, mas acredito que seja um desafio necessário. Enveredar-se pelos caminhos da produção contemporânea é, como disse Beatriz Resende (2002) em relação aos Estudos culturais, provisório, aberto, mas indispensável em um momento de questionamentos. Assume-se a dúvida da permanência - como saber se uma obra “durará” a ponto de ser relevante para um estudo crítico se ela foi publicada há pouco? — critério duvidoso e que há muito já foi superado pelas Artes Plásticas, por exemplo, como ressaltou também Resende (2002).

A partir disso, é possível chegar a este artigo<sup>1</sup>, que pretende lançar um olhar sobre os contos do escritor contemporâneo brasileiro João Anzanello Carrascoza. Nascido em Cravinhos, interior de São Paulo, em 1962, o autor teve sua estreia na literatura em 1991, com o livro infantojuvenil *As flores do lado de baixo* — depois deste, quinze outros livros voltados para o mesmo tipo de público foram publicados. Lançou seu primeiro livro de contos, voltado para os adultos, em 1994, o *Hotel Solidão*. Seus últimos livros publicados, em sua maioria romances, são *Aos 7 e aos 40* (2013), *Caderno de um ausente* (2014), *Trilogia do adeus* (2017) e *Elegia do irmão* (2019); seguido do mais recente, de contos, *Tramas de meninos* (2021). Carrascoza é um forte nome no cenário literário contemporâneo e já recebeu prêmios como Jabuti, Guimarães Rosa/Radio France Internationale, Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Associação Paulista dos Críticos de Arte. Atual morador da capital paulista, João Anzanello é, além de escritor, redator de publicidade propaganda e professor universitário com pós-doutorado sobre a interface entre publicidade e literatura, tendo escrito vários livros sobre o assunto, entre eles *Razão e sensibilidade no texto publicitário: como são feitos os anúncios que contam histórias*.

A face que me interessa, no entanto, é a de Carrascoza enquanto contista. São vários livros de contos publicados até então, incluindo *Hotel Solidão* (1994), *O*

<sup>1</sup> Este artigo parte de um recorte da dissertação de mestrado *A vida ordinária em seus detalhes mínimos: retratos íntimos e laços familiares nos contos de João Anzanello Carrascoza* (2015), defendida por Layse Barnabé de Moraes e disponível para leitura na íntegra [neste link](#).



*vaso azul* (1998), *Duas tardes* (2002), *Meu amigo João* (2004), *Dias raros* (2004), a antologia *O volume do silêncio* (2006), *Espinhos e alfinetes* (2010), *Amores mínimos* (2011), *Aquela água toda* (2012) e *Tramas de meninos* (2021).

Dono de uma prosa que olha para o dia a dia, o escritor costuma priorizar a focalização dos mundos íntimos, quase sempre envoltos em uma atmosfera poética. Carrascoza também se distancia do espaço hiperurbano e opta pelo tom de cidade pequena, o que traz fortes toques bucólicos à sua narrativa. Em entrevista ao jornal literário *Rascunho*, o autor falou sobre quem é e quais são suas influências:

Quem sou eu? Eu sou um sujeito que nasceu em Cravinhos, no interior de São Paulo, numa pequena cidade, nos anos 1960, quase 1970, que viveu **certa experiência de cidade orbitada pelo mundo rural**, por determinados valores, com o avanço dos meios de comunicação, sobretudo a televisão. Eu fui consumidor de novelas, que é uma forma de contar e ver histórias. Então, aquilo vai te formando como um ser e vai te dando uma forma de olhar, que pode ser avançada mas pode também ser míope. Mas é aquilo que você tem. E só trabalhando com os teus limites é que você pode fazer e entregar para o outro o seu melhor. Não tem como fazer algo que seja do outro, que venha de outra mão. Drummond diz que todo escritor começa imitando aos outros e acaba imitando a si mesmo. Que dizer, de certa forma você começa olhando coisas que te interessam, que te agradam: “Então posso fazer assim também” ou **“Vou por essa esfera do sentimento, sinto que estou alocado nesse grupo literário, que tem essa maneira de escrever, de sentir”** (CARRASCOZA, 2013, grifo meu).

Apenas por esse discurso, consegue-se vislumbrar de modo bastante concreto como o autor se coloca no mundo e qual é seu projeto literário. É exatamente essa “experiência de cidade orbitada pelo mundo rural” que se destaca em sua obra, bem como a “esfera do sentimento”, percebida pelo tom lírico e pela focalização das coisas mínimas, valorização do que é íntimo.

A expressão “A vida ordinária em seus detalhes mínimos”, usada por Karl Erik Schøllhammer (2011) em seu livro *Ficção brasileira contemporânea*, para fazer referência ao estilo de Carrascoza e de outros escritores similares, dá bem conta da atenção ao lado “menor” da existência, fazendo ecoar o que é mínimo: o fato miúdo e a rotina simples das personagens, que são tomadas por sentimentos e sensações advindos da relação delas com o outro e com o mundo. É essa vida ordinária, aparentemente banal, que é esmiuçada em tons poéticos e se torna não só presença constante na produção contística do autor, mas a sua principal marca.

Mãe e filha, neta e avó, marido e mulher... é predominantemente no espaço doméstico e na configuração familiar, íntima, que a história acontece. As personagens



mantêm relações intrafamiliares e há pouca interação para além delas no foco narrativo.

### **A literatura brasileira contemporânea**

Quando se comparam os traços dos contos do autor com a produção contemporânea, nota-se certo descolamento do que é representado majoritariamente pela nossa literatura. Entretanto isso não quer dizer que Carrascoza seja o único autor a fazer isso no momento, nem que a literatura contemporânea brasileira tenha como norte apenas uma única característica. No entanto também não se pode negar a distância entre o que o autor tem produzido e o que vem sendo destacado como a literatura brasileira de hoje.

A literatura produzida nesse contexto, segundo Karl Erik Schøllhammer (2011), convive pacificamente com os mais diferentes estilos, não possui um modelo canônico, nem a imposição de uma tendência clara. O resultado é uma espécie de valeduto literário muito mais amplo do que antigamente, principalmente com a escrita cada vez mais democrática.

Mesmo com toda a pluralidade, há algumas constantes na literatura de hoje. Apesar de não haver imposição, há tendências mais claras. Em seu *Contemporâneos: Expressões da literatura brasileira no século XXI*, Beatriz Resende deixa claro seu posicionamento de que “a literatura brasileira tem vivido, nas últimas décadas, um de seus grandes momentos” (2008, p. 23). Apesar de defender que a produção literária se constrói em um cenário de ampla diversidade, há questões comuns. Ela destaca então três fortes traços da literatura brasileira contemporânea: a presentificação, o trágico e a violência.

Além dessas características, também destaca-se o boom do ego e a autoficção, que colocam a figura do escritor no centro da discussão — essa atenção voltada para o autor acaba sendo, muitas vezes, refletida no texto. Saem de cena os heróis e as narrativas cheias de ações e surgem o escritor e a própria discussão sobre o literário:



Deixando pelo caminho os heróis, as tramas cheias de peripécias, a linguagem mais engenhosa, a narrativa brasileira contemporânea, em seus momentos mais interessantes, parece empenhada em discutir a si própria. [...] Com tudo isso, outro ponto central da narrativa contemporânea é o próprio escritor, que também se vê obrigado a, de algum modo, expor-se (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 106).

Em levantamento chamado de “Letras e números”, Fischer (2012) aponta para a globalização da literatura brasileira contemporânea. O regionalismo, encontrado na produção de ontem, agora, na maioria dos casos, dá espaço para narrativas que ultrapassam as fronteiras do país: “saíram de cena os pobres e os desajustados, assim como a prosa regionalista viciosa, dando lugar a personagens requintados, vivendo experiências na Europa” (FISCHER, 2012).

### **Os contos de João Anzanello Carrascoza**

Quando se faz uma leitura atenta dos contos de Carrascoza, nota-se que todos eles possuem traços em comum, constantes que colocam o escritor em um lugar de destaque na literatura brasileira contemporânea — e não só no que diz respeito à boa recepção da crítica e do público como também no que significa um descolamento do que vem sendo compreendido como a literatura brasileira atual. São esses traços, que dão uma unidade ao seu projeto literário, somados a uma prosa de reconhecida qualidade que serão destacados aqui.

É predominantemente no espaço doméstico e na configuração familiar, íntima, que a história acontece. É na vida privada da classe média, às vezes média-baixa, heterossexual e sem marcação racial que a literatura de Carrascoza busca inspiração. Sobre o espaço na obra do escritor, Cristovão Tezza diz: “Os contos circulam em uma geografia quase bucólica: casas, portões, quintais, vizinhos, parentes, pais e filhos, mães na cozinha, árvores, silêncio” (2004). Não é uma produção voltada a grandes temas. O social aparece, claro, mas como pano de fundo. São os mundos íntimos das personagens e a forma como elas se relacionam que ganham dimensão:

Trabalho o conto sempre na perspectiva de pessoas tentando se enfrentar, se dizer coisas. Às vezes são núcleos familiares, homens e mulheres, pai e mãe, filho com a mãe ou neto com avô, amigos também aparecem em outros contos. Mas são essas pessoas que me interessam. Pode até ser uma literatura muito claustrofóbica, mas é a lente que eu tenho (CARRASCOZA, 2013).



De pequenos temas, faz-se a história, que ganha força e intensidade por conta da forma breve do conto:

O desafio é construir algo com uma força que seja pequena, que concentre. É como se a vida fosse água, e o conto é pegar com as mãos, em concha, essa água. Pegar e entregar para o outro. Enquanto o romance é deixar que essa água flua mais. Então, são gêneros um pouco distintos. Sempre me interessou mais a apreensão de um instante. E apreender o instante em trezentas, quatrocentas páginas é um pouco difícil (CARRASCOZA, 2013).

São as pequenas coisas e o instante mínimo que importam para Carrascoza. No conto “Preto-e-branco”, presente no livro *Duas tardes*, há o seguinte trecho:

“Tudo o que havíamos feito naquele dia, coisas em preto-e-branco, sem nada de importante, que no entanto havíamos partilhado com gosto. Nessas horas altas eu me lembrava dos comentários do tio Júlio, de que existiam coisas melhores para se fazer. Que coisas seriam essas?” (CARRASCOZA, 2002, p. 106).

A literatura de Carrascoza trata do fato miúdo, dessas coisas em preto-e-branco, simples, prosaicas, que flertam com o banal o tempo todo, mas, ao invés de vulgarizar, singularizam e encantam. São, como diz o narrador de “Quando ele voltou”, do livro *Meu amigo João*, ninharias que engrandecem.

São os mundos possíveis que ganham a atenção do autor, personagens extremamente reais, facilmente reconhecíveis e que produzem quase de imediato uma identificação com o leitor: “Eu penso nessa direção: a gente precisa sonhar, sair um pouco da agressão do real, reconstruir outros mundos, mundos possíveis, sublimados, em que se possa entrar em comunhão com o outro” (CARRASCOZA, 2013). Esses mundos possíveis podem ser lidos como o que existe de comum no dia a dia — não há extrapolação do cotidiano médio e a rotina se resume a trabalho, casa, família, infância, vida, morte. Claro que há conflitos, mas existe também a tendência de problematizar as pequenas vivências de uma forma que as envolve com um olhar delicado e sensível, e talvez seja isso que o autor quer dizer quando fala na necessidade de sonhar.

De maneira geral, há nos contos do escritor a vida se revelando no prosaico, nesses mundos possíveis, como uma epifania. Esta, que pode ser explicada resumidamente como uma irrupção ou tomada brusca de consciência, apreensão abrupta de algo subjetivo, é uma aparição constante, mas não obrigatória, nos contos de Carrascoza. O olhar de zoom, expressão usada por João Silvério Trevisan (2011) em relação à obra de João Anzanello, é fundamental para que o mínimo da vida seja maximizado pelas palavras dele. O zoom aproxima e aumenta o objeto por meio de sua

lente. Carrascoza faz o mesmo com a matéria de sua literatura: a vida comum. Na distância, o quadro é dos mais simples, mas se olharmos com atenção e repararmos nos detalhes haverá muitos pormenores.

A transposição do rotineiro para o literário está presente em praticamente todos os contos do escritor. Estes, na grande maioria das vezes, fogem do espaço da cidade grande e buscam pontos de fuga ao se aproximarem do tom bucólico, quase rural. A opção pelo distanciamento da metrópole e a escolha por focalizar outros tipos de espaços, muitas vezes opostos à realidade veloz, pode ser explicada em partes pela própria naturalidade do escritor, que nasceu no interior paulista e teve sua experiência de vida atravessada por vivências a este relacionadas, mas, mais do que isso, é parte de uma vontade e escolha do autor de focalizar essa fatia do existir. Dessa forma, a cidade envolvida pelo espírito rural da infância de Carrascoza acaba sendo reinserida em seus contos:

[Sou esse sujeito que] viveu **certa experiência de cidade orbitada pelo mundo rural**. [...] Então, aquilo vai te formando como um ser e vai te dando uma forma de olhar, que pode ser avançada mas pode também ser míope. Mas é aquilo que você tem. E só trabalhando com os teus limites é que você pode fazer e entregar para o outro o seu melhor. Não tem como fazer algo que seja do outro, que venha de outra mão (CARRASCOZA, 2013, grifo meu).

Nos contos de João Anzanello, o ser contemporâneo é um sujeito em fuga das armadilhas da atualidade. Suas personagens são, em sua maioria, pouco encaixáveis no cenário superurbano e caótico das grandes cidades. Se compararmos sua obra com a produção contemporânea brasileira - que é predominantemente urbana e, com isso, tende a focalizar as relações humanas no espaço da metrópole — chega-se a uma conclusão: a produção literária de Carrascoza se distancia desse quadro hiperurbano, cuja fragmentação é quase obrigatória, e o desencontro, a violência e a fragilidade das relações muitas vezes dá o tom. Ele escolhe narrar a vida íntima, quase sem importância, de pessoas comuns. Há o esmiuçar do interior das personagens, a exposição do doce e do amargo da existência diária. O escritor então “traz de volta um Brasil sonâmbulo e pré-moderno, em tons rurais, revivido e recuperado pela linguagem melancólica do autor” (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 116), um Brasil que ainda não acordou para o caos do urbano, e se pensarmos na opção de Carrascoza por se afastar da realidade da metrópole, essa escolha é cercada de idílio e utopia, mas também de fuga. A presença dessa aura utópica talvez explique esse tom muitas vezes



ingênuo que percorre a obra do escritor, que, não por acaso, está repleta de personagens infantis. Há mesmo certa lentidão em contraponto à velocidade, certa empatia em contraponto ao egocentrismo. Também é bom ressaltar que o escritor não faz uma literatura estritamente rural, mas de tons rurais — o que remete muito mais à atmosfera criada pelo conto do que ao espaço propriamente dito. Miguel Conde também destaca a característica heterodoxa da obra do escritor em relação à literatura brasileira contemporânea:

Ao pensarmos em como nossa ficção contemporânea tem enfatizado vivências de cisão, crueldade e isolamento – pela reflexão sobre os limites da linguagem, pela representação de momentos de violência cuja brutalidade parece desautorizar as tentativas de processamento simbólico, e mesmo ainda pela exposição de uma certa anomia social –, podemos demarcar ainda mais um traço do perfil singular deste autor (CONDE, 2010, p. 43).

Os textos de Carrascoza são perpassados pelos (des)encantos do cotidiano, manifestados em uma escrita simples, mas de grande cuidado com as palavras, cuja leitura flui, geralmente sem esforço — no entanto, podem-se encontrar exemplos de narrativas em que a prosa se faz mais densa e complexa, como é o caso dos contos “Umbilical”, de *Dias Raros* e *O volume do silêncio*, e “Mar”, de *Espinhos e alfinetes*. Há poesia na prosa de Carrascoza; uma poesia ao rés do chão, voltada para o dia a dia, de olhar atento e sensível ao que nos é comum. Existe também algo de melancólico, um dolorido que surge com tantas vivências vistas de tão perto. Esse modo especial de olhar acaba trazendo para a prosa do autor uma característica altamente lírica. O próprio Carrascoza reconhece isso e disserta sobre sua opção pelo lirismo:

Trabalho com prosa que é dita poética. Não é um registro fácil de fazer nem muito comum, é um pouco raro, até há muitas portas fechadas para esse tipo de literatura. Se você chega num ponto certo, pode ter qualidade. Mas se erra, você derrama, torna-se açucarado, piegas, sentimental. Então, é difícil, às vezes tem que correr riscos (CARRASCOZA, 2013).

Carrascoza corre esses riscos em todos os seus contos. Às vezes o resultado é primoroso, às vezes ultrapassa o limite do derramamento e resvala, assim como ele mesmo diz, para o açucarado demais. Em muitos casos, passa de um lado para o outro da linha entre erros e acertos. Sobre os limites tênues que separam o conto bem realizado daquele que perde a mão e beira o exagero, Nelson de Oliveira diz que “é preciso talento para saber quando parar ou avançar, quando acrescentar ou subtrair palavras na representação de um afeto. Há momentos em que Carrascoza para



exatamente em cima da linha” (OLIVEIRA, 2006, p. 209). Ainda sobre lirismo, este, de forma resumida, pode ser pensado a partir de três frentes:

Os textos líricos concretizam um processo de interiorização, centrada num sujeito poético eminentemente egocêntrico;  
Os textos líricos representam uma atitude marcadamente subjectiva, com consequências no plano técnico-compositivo;  
Do ponto de vista semântico e técnico-compositivo, os textos líricos regem-se pelo princípio da motivação (REIS, 2001, p. 314).

Os contos de Carrascoza possuem todas as características citadas acima. Há a interiorização com o foco nos mundos íntimos das personagens, o tom altamente subjetivo e o cuidado com o texto e com a escolha das palavras como motivação a complementar o sentido. O próprio escritor disserta sobre a escolha de contar algo, mas optar por fazer isso dentro do espírito poético, o que diz respeito não só ao que se conta, mas quais artifícios são utilizados para fazer isso:

*[Tirar o lirismo da minha escrita]* Seria tirar o sumo daquilo que eu gostaria de dividir, de entregar para o outro e de tentar beber também. Comecei a escrever pela poesia, adorava aqueles poetas, a princípio os que eu tinha na minha mão, nas bibliotecas — os românticos, os parnasianos, até que chegaram os modernistas e tal. A poesia para mim está muito além da prosa. No entanto, se tenho uma história para contar, quero tentar fazê-lo dentro do espírito poético. [...] Interessa-me certo sabor do ritmo da palavra, certa melodia — não só a história, mas como eu a conto (CARRASCOZA, 2013).

É bom ressaltar que, para além do tom poético e lírico, há uma história a se contar, já que estamos falando do gênero conto. Hohlfeldt disserta sobre o conto de atmosfera e há muitos pontos de contato entre este e os contos de Carrascoza:

A preocupação com a expressividade da palavra, mais do que em nenhum outro grupo; a importância da memória e, a partir dela, de seus dois elementos polo, a infância e a velhice; a experimentação vocabular não ao nível do neologismo ou do formalismo artificial, mas na busca da perfeita coesão entre o estilo e a psicologia dos personagens, o clima que as envolve, revela e caracteriza (HOHLFELDT, 1988, p. 146).

A memória é outro pilar dos contos do escritor. Sua aproximação com o universo infantil transcende as obras voltadas apenas para esse tipo de público e invade seus contos. Dessa forma, há forte presença da infância e da velhice, polos que pouco aparecem na literatura brasileira contemporânea — se tivermos como base o estudo de Dalcastagnè (2012), mais de 40% das personagens são adultas e as infantis e idosas representam, cada uma, menos de 10%. Vale ressaltar que, mesmo quando a idade adulta aparece, muitas vezes ocorre uma analepse para recuperar a infância — como



acontece nos contos “Duas tardes” e “Janelas”, de *O volume do silêncio*, por exemplo. Sobre a infância na sua literatura, Carrascoza diz que

As questões da infância são o ponto de partida, as iniciações. São mágicas, apesar de dolorosas, muitas vezes. Mas elas são as iniciações. Então, trabalhar com a temática da infância é sempre na tentativa de que há um início, um período de se encantar, de abrir, digamos, certas comportas (CARRASCOZA, 2013).

Outro fator que se aproxima da temática da memória e que é bastante recorrente nos contos do autor é que as personagens estão frequentemente em rituais de passagem, deslocando-se, em processos de travessia externa e/ou interna. Desde o primeiro livro de Carrascoza, *Hotel solidão*, a presença do atravessar existe já na apresentação do exemplar: “oito são os contos, oito as travessias. O movimento não cessa: é suspenso, interrompido, prometendo um vislumbre de desenlace”.

O silêncio e os vazios têm também grande importância na obra de Carrascoza e, não à toa, ganham atenção especial na antologia de contos *O volume do silêncio*, organizada por Nelson de Oliveira, terceiro lugar na categoria Contos e Crônicas do prêmio Jabuti (2007), em que se pode pensar na palavra “volume” no sentido de conjunto de textos ligados entre si pela temática do silêncio, ou, ainda, em “volume” enquanto extensão e força do som, neste caso, a ausência dele. Há a marca do não dito, do que cala ao mesmo tempo em que transborda — e é exatamente nesse transbordar que se encontram a extensão, a força e a amplitude do silêncio: “o contos de Carrascoza entram na quietude, agitam qualquer coisa sonora que há lá no fundo e fazem o silêncio falar” (OLIVEIRA, 2006, p. 210). É o narrador, quase sempre interferindo na narrativa, e as personagens, sempre atravessadas de afetos, que tecem o fio da história — e nem sempre elas têm muito a dizer. A palavra às vezes ecoa e, outras vezes, cala:

À medida que vou escrevendo a história, descobrindo-a, ela vai me trazendo ramos que eu não conhecia. Mas o tronco é aquele: o tronco das relações afetivas; de pessoas que se falam ou não; que estão muito próximas e têm o poder de com a comunicação se aproximar ou se distanciar, mas também padecem da incomunicabilidade; que podem aprender a dizer não só com as palavras, mas com outras formas de dizer. Os não ditos também estão dizendo o tempo todo; o silêncio é constitutivo do dizer, assim como o dizer também está grávido de silêncio (CARRASCOZA, 2013).

Com o foco sempre no lado “menor” — mas não menos importante — da vida, há sempre um jogo com papéis familiares na literatura de Carrascoza, portanto,



além de homens e mulheres, homossexuais ou heterossexuais, brancos ou negros<sup>2</sup>, suas personagens são mães e filhos, netos e avós... O modelo literário de Carrascoza limita-se a uma configuração de família tradicional, nuclear. Escolhe-se falar de algo e automaticamente abre-se mão de outras configurações possíveis, mais múltiplas, mais diversas. É uma opção legítima do autor, um tipo de representação. É bom pontuar também que essa escolha vai na contramão da tendência de individualização das famílias, aproximando-se muitas vezes de um modelo pré-revolução sexual:

A família contemporânea ocidental conheceu numerosas e profundas transformações a partir dos anos 1960. Podemos dizer que, desde então, o modelo ideal de família proposto por T. Parsons na década de 1950, o casal, legalmente constituído, e seus filhos, tendo o pai como provedor e a mãe como dona-de-casa e responsável pela educação da progenitura - perde vigor e declina à medida que as mulheres se inserem no mercado de trabalho, tendo de conciliar a atividade profissional com a responsabilidade familiar (PEIXOTO, 2007, p. 11).

Essa nova construção familiar não é privilegiada pelo escritor, que prefere concentrar suas histórias em um modelo mais conservador. O que quero salientar, no entanto, é que o que sobressai é de outra natureza: há sempre uma atmosfera que se destaca e sempre uma relação baseada na troca com o outro, e é dessa troca que o conto acontece. Existe toda uma energia deslocada para o ato de entrar em comunhão com o outro e enxergar o mundo a partir dele.

A literatura de Carrascoza é “calcada no sublime e no susto flamejante das relações minúsculas” (OLIVEIRA, 2006, p. 208); flerta com o real e com o mais simples dele em uma espécie de resgate das trocas de sensibilidade entre os seres humanos. É bom ressaltar que nesse resgate não cabem apenas momentos de alegria. Essa sensibilidade traz também ardência e melancolia, como bem apontou João Silvério Trevisan (2011). Esses dois elementos, aliás, estão presentes em quase todos os contos —às vezes a ardência aparece em certo incômodo diante das vivências futuras, como em “Dias raros”, do livro homônimo, enquanto a melancolia aparece na comparação do presente com o passado, latejando na memória, como em “Janelas”, de *O volume do silêncio*. Estão quase sempre juntas, confundindo-se e encontrando-se e, de certa forma, fazendo com que as personagens se encontrem também.

<sup>2</sup> A orientação sexual é apenas sugerida pelas relações que vão se construindo nas narrativas, mas o que se destaca com mais clareza são as relações heterossexuais, não sendo focalizada nenhuma relação claramente homossexual em nenhum texto com o qual tive contato. Em relação a cor da pele, não encontrei nenhuma especificação.



Apesar do tom melancólico, a literatura de Carrascoza beira o otimismo. Sobre isso, e tocando em outros pontos já mencionados aqui, Cristovão Tezza diz em relação ao livro *Dias raros*, mas podemos estender para toda a obra:

Um mundo de substância otimista, a fronteira entre a criança e o adulto e o recorte de momentos sutis e inesquecíveis da experiência pessoal são os elementos predominantes da temática de João Anzanello Carrascoza, um contista que já se define com uma linguagem própria no panorama da nossa nova literatura. Para sustentar o otimismo - ou o lirismo suave que está na alma de sua escrita - Carrascoza frequentemente vê o mundo pelos olhos da criança, movendo-se naquela zona difusa em que as coisas ainda não estão prontas e acabadas, em que as pessoas ainda são permeáveis e, quem sabe, se transformem. O narrador de seus contos leva pela mão, sutilmente, as figuras que se espantam em silêncio diante de novidades sem remissão. Mas no seu texto, que se recobre sempre de um toque poético, as pessoas nunca estão sozinhas (TEZZA, 2004).

Esse tom, segundo Miguel Conde, pode explicar o fato de Carrascoza não receber grande atenção da crítica literária:

Essa contraposição talvez explique por que até hoje Carrascoza recebeu relativamente pouca atenção de nossa crítica literária. Suas histórias não fulminam o leitor com choques do real, sua escrita pouco encena – ou mimetiza – conflitos sociais, seu tom pode ser tudo menos cruel, suas palavras não aspiram à materialidade dos corpos, sua forma evoca mais o todo que o fragmento. Em resumo, sua obra não se oferece de imediato como um terreno dos mais férteis para os discursos críticos correntes. Além disso, seu constante transbordamento sentimental pode à primeira vista sugerir um olhar edulcorado sobre a existência, assentado numa contemplação ingenuamente otimista da beleza do mundo e do ser humano (CONDE, 2010, p. 43).

Apesar do que afirma Conde, creio que Carrascoza tem se destacado, sim, e recebido não tão pouca atenção da crítica. Como já fora mencionado, recebeu prêmios importantes, incluindo o Jabuti em 2015 pelo romance *Caderno de um ausente*, é um autor que possui apelo editorial, teve alguns de seus contos transformados em peças de teatro, como a “Dias raros”, do Teatro da Travessia, e tudo o que escreve é recebido com olhos atentos pela mídia e pelo público – na medida em que um escritor contemporâneo em um país que não é um exemplo em consumir literatura pode ser, claro.

Há muito o que se falar sobre os contos de Carrascoza para que sua obra possa continuar a ser desvendada por outros olhares e sob outros aspectos. Em “O menino e o pião”, de *O volume do silêncio*, há o seguinte trecho: “uma porção de coisas que à primeira vista parecem mínimas, mas é a vida que lhe cabe, e ele a saboreia, faminto” (CARRASCOZA, 2006, p. 76). É fundamentalmente nesse lugar que se

encontram os contos de Carrascoza: um lugar onde há grandeza e encantamento nas miudezas cotidianas, onde há vida, mesmo que doloridamente. Pois que sejam saboreados então.



## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- CARRASCOZA, João Anzanello. *Duas tardes*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- CARRASCOZA, João Anzanello. *João Anzanello Carrascoza: Paiol literário*. 2013. Disponível em: <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/joao-anzanello-carrascoza/>. Acesso em: 15 maio 2014.
- CONDE, Miguel Bezzi. *Vozes e caricaturas: Ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. 2010. 88 fls. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira: Um território contestado*. Rio de Janeiro: Uerj, 2012.
- FISCHER, Luís Augusto. *Letras e números*. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/64023-letras-em-numeros.shtml>. Acesso em: 14 junho 2013.
- HOHLFELDT, Antonio. *O conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.
- OLIVEIRA, Nelson de. Posfácio. In: CARRASCOZA, João Anzanello. *O volume do silêncio*. Cosac Naify, 2006.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. Prefácio: As transformações familiares e o olhar do sociólogo. In: SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: Introdução aos estudos literários*. Coimbra: Almeda, 2001.
- RESENDE, Beatriz. *Apontamentos da crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: Expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2008.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.
- TEZZA, Cristovão. Apresentação do livro. In: CARRASCOZA, João Anzanello. *Dias Raros*. São Paulo: Planeta, 2004.
- TREVISAN, João Silvério. Apresentação do livro. In: CARRASCOZA, João Anzanello. *Amores mínimos*. Rio de Janeiro: Record, 2011.



Recebido em 05 de março de 2021.

Aprovado em 27 de maio de 2021.

